



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

VIVER O OUTRO SEM ESQUECER-SE A SI MESMO:
a empatia e o ensino da Literatura

Ana Luiza Nogueira Sousa

Brasília, DF
Fevereiro, 2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

VIVER O OUTRO SEM ESQUECER-SE A SI MESMO:
a empatia e o ensino da literatura

Ana Luiza Nogueira Sousa

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco.

Brasília, DF
Fevereiro, 2023

Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes sofrimentos. Ela desafia sempre o homem inteiro.

Edith Stein

AGRADECIMENTOS

Ao concluir a minha primeira graduação, em Jornalismo, finalizei um atribulado Trabalho de Conclusão de Curso enviando uma versão final sem qualquer tipo de agradecimento no material produzido. Neste trabalho não gostaria de vivenciar a mesma dose de desleixo que tive naqueles tempos.

Agradeço à Deus, Nossa Senhora e a meus pais, e neles aos meus irmãos.

Agradeço aos meus professores de toda a vida: cada um tem um espaço considerável em minha história e coração e fico feliz de poder deixar um trabalho voltado aos docentes.

Agradeço ao meu orientador, Robson Tinoco, que atendeu ao meu pedido para orientar este trabalho indicou obras que me auxiliaram a concluir o estudo.

Agradeço aos meus colegas e amigos de curso, que me inspiram a dedicar um pouco mais de amor e atenção ao que faço.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial aos amigos dos tempos de escola, Alice e Guilherme. Me acompanham há muito tempo, e permanecem como companheiros que me levam a ir sempre em frente.

Agradeço de maneira simbólica a instituição Universidade de Brasília, que é muito mais que um punhado de prédios e um enorme espaço, mas um verdadeiro ambiente e um corpo de pessoas empenhadas na missão que têm. Foi uma oportunidade inigualável poder ser universitária dessa instituição em especial, e sou muito grata por isso ter sido possível.

E, claro, ao meu anjo da guarda, que tem essa missão de me aguentar até o fim e, se assim quiser, por toda eternidade. Obrigada por iluminar meus pensamentos.

RESUMO

O estudo pretende apresentar a visão de Edith Stein, enquanto fenomenóloga, a respeito da empatia, observando uma relação entre a literatura e o ato empático com o objetivo de proporcionar uma nova perspectiva aos educadores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, construída principalmente em levantamento bibliográfico e análise. Foram investigadas a tese doutoral de Edith Stein sobre a empatia e seus escritos autobiográficos, bem como os trabalhos de pesquisadores que se dedicaram a compreender o conceito de empatia e suas implicações para uma ideia sobre a constituição humana presente no pensamento de Stein – Barea (2015), Parise (2018) e Rocha (2021). Para a relação empatia/literatura, foram selecionados autores que apresentassem uma visão sobre a literatura, em um contexto de pensá-la para a educação e o ensino – Cosson (2009, 2020) –, para observar a semelhança entre a percepção de um “papel” ou “função” e a literatura. Também se recorreu a trabalhos que, mesmo a partir de outras definições de empatia, estabelecessem uma relação entre a literatura e ela – Hemkemeier (2020), Lewis (2020). Considerou-se, ao fim, que os fortes indícios de que há de fato uma relação entre a leitura literária e o desenvolvimento da empatia justificam o incentivo para que esse aspecto seja levado em conta na educação, considerando todas as consequências do ato empático na vida do ser humano.

Palavras-chave: Educação; Edith Stein; letramento literário; pedagogia empática; docência.

ABSTRACT

The study intends to present Edith Stein's vision about empathy, observing the possible relation between literature and the empathic act in order to provide a new perspective to educators. This is a qualitative research, with an exploratory approach, built mainly on bibliographical survey and analysis. Edith Stein's doctoral thesis on empathy and her autobiographical writings were investigated, as well as the works of researchers who had dedicated themselves to understanding the concept of empathy and its implications for an idea of human constitution by Stein – Barea (2015), Parise (2018) and Rocha (2021). About the relation between empathy and literature relation, there were selected authors who presented a vision of literature in a context related with education and teaching – Cosson (2009, 2020) –, to observe the similarity between the perception of a “role” or “function” of empathy and literature. Works were also used that, even based on other definitions of empathy, established a relationship between literature and it – Heimkemeier (2020), Lewis (2020). Finally, it was considered that there are strong indications that a possible relation between literary reading and the development of empathy justify the incentive for educators to consider this aspect, considering all the consequences of the empathetic act in the life of human being.

Keywords: Education; Edith Stein; literary literacy; empathetic pedagogy; teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	09
3 EMPATIA PARA EDITH STEIN.....	10
3.1 Sobre o problema da empatia.....	11
3.1.1 A essência da empatia.....	13
3.1.2 Graus da empatia.....	16
3.2 Condições para efetivação da empatia: a linguagem como fundamental para elaboração mais aprofundada dos atos de empatia.....	17
4 LITERATURA E EMPATIA PARA A EDUCAÇÃO.....	20
4.1 Empatia na função humanizadora da Literatura e em concepções sobre a Literatura.....	21
4.2 Outros estudos acerca da relação empatia, literatura e educação.....	23
4.3 Uma nota ao texto “Por que lemos?” de C. S. Lewis.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Em 2022, tive a grata oportunidade de auxiliar um amigo na elaboração de um trabalho sobre a empatia a partir do olhar de Edith Stein. Dessa ocasião, surgiu o pensamento: por que não aproveitar o que aprendi com essa experiência para ter uma visão mais aprofundada da literatura, na oportunidade do meu trabalho de conclusão de curso?

O desejo e a inspiração de considerar a literatura a partir do entendimento sobre a empatia nasceram para mim também de outras experiências particulares, que me colocaram diante de uma percepção diferenciada do impacto das vivências dos personagens e narradores das obras literárias sobre mim. Sobre esse conhecimento único, possibilitado pelo ato empático e possivelmente passível também de ser aprimorado ou até mesmo vivenciado a partir da literatura, é o que se espera tratar neste breve estudo.

O que também motiva e, creio, justifica a presente investigação está a perspectiva das contribuições que esse trabalho possa ter no campo da educação. Principalmente para os professores de língua portuguesa que lidam diretamente com o ensino da Literatura. A investigação aqui desenvolvida objetiva, além de buscar esclarecer a relação entre empatia e literatura, apresentar propostas e reflexões que auxiliem os docentes a lidar com leitura, ensino e aprendizagem de textos literários.

Traçar a possibilidade de uma relação entre empatia e literatura não pode ser considerada uma “absoluta novidade para a “Academia””: outros autores ao longo do tempo têm se dedicado a explorar a questão, embora alguns estudos sejam relativamente recentes.

Por exemplo, Hemkemeier (2020) concluiu o curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina explorando justamente a relação entre empatia e literatura. Em seu trabalho “*Ler pode salvar sua vida*”: *literatura e inteligência emocional na série Anne With an E*, a autora analisa a possível influência da leitura no desenvolvimento da inteligência emocional da personagem Anne da série da Netflix *Anne With an E*.

Na investigação que empreendeu, Hemkemeier (2020) selecionou fragmentos da série em que a personagem teve contato com a literatura e “confrontou” esses momentos com noções teóricas de filosofia estética e noções de inteligência emocional, além de estudos que tratam do papel formador da literatura e da importância dela no desenvolvimento do indivíduo. O estudo indicou que a leitura/literatura teria sido muito significativa no desenvolvimento da personagem, indo além da ampliação do vocabulário e da imaginação, atingindo a forma como

Anne lidou com sofrimentos, angústias e especialmente com *a capacidade de reconhecer emoções*¹.

Essa capacidade de reconhecer emoções é o que é considerada a empatia para Goleman (2011), autor de célebre obra sobre Inteligência Emocional que foi utilizada por Hemkemeier (2020) para as análises de seu estudo. “A habilidade de reconhecer emoções nos outros é conhecida como empatia” (HEMKEMEIER, 2020, p. 18), define a autora a partir das observações desse autor.

Outras definições sobre empatia brotam dos mais diversos campos do pensamento, e de áreas da ciência como a psicologia, por exemplo, e do senso comum. Quando me deparei com a tese doutoral de Edith Stein, encontrei um trabalho dedicado a esmiuçar o *fenômeno* da empatia, em uma concepção filosófica, e assim com a possibilidade de uma obter a conceituação mais detalhada, aprofundada e de certa forma mais universal sobre a empatia. A essa concepção da empatia ainda é possível relacionar uma série de outras compreensões de Stein sobre o ser humano e sua constituição, e assim explorar também a relação entre empatia, literatura e educação.

Barea (2015) afirma que a fenomenóloga alemã “extrapola as discussões sobre estética, cultura, religião, psicologia e até mesmo a ética com o desenvolver de seus estudos, pelos quais infinitamente podemos extrair reflexões fenomenológicas [...] que são pertinentes a preencher de significado a vida dos seres humanos” (BAREA, 2015, p. 109).

Ao estudar a relação entre empatia e literatura, Henkemeier (2020) pondera a importância de se estimular um novo olhar sobre o ensino da literatura e a formação do leitor. A isso, reforço a necessidade de um novo olhar com a preocupação constitucional de uma educação muito mais plena do que a que é oferecida muitas vezes, que procura formar visando “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, como dispõe a Constituição Federal de 1988.

Entre os autores aos quais recorri para me auxiliar nesse caminho está a própria Edith Stein, já que tenho acesso ao texto de sua tese doutoral sobre empatia, ainda que em outras línguas (inglês e espanhol). Também recorri a autores que se debruçaram sobre as considerações de Edith acerca da empatia ou mesmo da educação e formação de seres humanos, entre eles

¹ A autora, por meio desse resultado, considera que, tal como na vida da personagem em desenvolvimento da infância à adolescência, na vida real de crianças e adolescentes a literatura pode ter um papel e função a mais de auxiliá-los nesse desenvolvimento de habilidade para além de ampliar vocabulário e imaginação. Para ela, isso indicava a necessidade de profissionais de Letras terem um novo olhar sobre as possibilidades do ensino da literatura; essa necessidade de um novo olhar é também o que, considerando esse “ir além”, motivou também o meu estudo.

Barea (2015), Parise (2018), Peretti e Dullius (2018) e Rocha (2021). Recorrer a esses autores teve como finalidade especialmente confirmar o entendimento sobre a proposta de Stein, considerando a profundidade e a diversidade do conhecimento por ela difundido, e o que era total novidade para mim a respeito das compreensões fenomenológicas.

Neste estudo decidi-me, também, por apresentar a proximidade do entendimento da empatia com concepções da Literatura, principalmente no que pudesse dizer respeito a funções que ela possa exercer e dentro do contexto da educação. Nesse sentido é que foram feitas consultas aos trabalhos de Cosson (2009 e 2020), de Hemkemeier (2020) e também o texto de C. S. Lewis chamado “Por que Lemos?”.

2 METODOLOGIA

Como metodologia para esse trabalho, a opção foi pela abordagem qualitativa e exploratória: principalmente levantamento bibliográfico e análise dos principais conceitos e dados extraídos desse levantamento.

Mostrou-se necessário encontrar referências para esclarecer a posição de Edith Stein frente à empatia, além do próprio trabalho de sua tese doutoral escrita ainda no século passado. Assim, foram selecionados autores que se dedicaram a compreender o pensamento de Stein e a explorar os efeitos, consequências e fundamentos de seus estudos referentes à empatia.

Também mostrou-se necessário, a partir igualmente de levantamento bibliográfico pertinente, encontrar aqueles autores que se dedicassem a apresentar um conceito de Literatura sobre o qual se pudesse mais facilmente encontrar, na essência da obra literária, quais seriam as possíveis características que a fizessem apta a desenvolver uma capacitação empática no leitor.

E como o objetivo principal era possibilitar uma trilha para que os docentes atuem com a perspectiva da empatia no ensino da literatura, considerando uma perspectiva integral e de desenvolvimento pleno do ser, foi necessário levantar estudos que tratassem da educação da literatura ou fossem conclusões próprias de autores que lidam com esse campo.

Com o levantamento e a análise realizados, buscou-se investigar o que os principais pontos de cada seção trazem em comum para tentar esclarecer, principalmente ao docente: o que é a empatia; qual sua relação com a literatura; como considerá-la para ensinar e formar o leitor literário. E, por fim, apresentar as principais conclusões a partir das considerações finais.

3 A EMPATIA PARA EDITH STEIN

Quem foi Edith Stein? Quais são as suas contribuições acerca da compreensão sobre a empatia? Como a vida e os trabalhos dessa mulher podem impactar na concepção de um ensino da literatura que compreenda e explore o que se sabe sobre a empatia? Dar base para que se possa responder a essas perguntas é o principal objetivo desta seção.

Edith Theresa Hedwig Stein nasceu em 1891, na virada para o século XX, em uma cidade da Polônia chamada Breslávia. Seus pais eram de nacionalidade alemã e de religião hebraica, tendo ela crescido em ambiente de tradição, educação e costumes dessa fé. Esteve no mundo ao mesmo tempo em que despontaram as duas grandes guerras mundiais, não sobrevivendo, no entanto, à segunda delas – pois foi aprisionada, internada e depois morta na câmara de gás de Auschwitz em agosto de 1942.

“Judia”, “fenomenóloga”, “santa”, “filósofa” são alguns dos adjetivos ou títulos que podem ser utilizados para conceber a imagem da “pessoa” Edith Stein. Ao menos são esses os termos que a autora da obra *Edith Stein para Educadores: formação integral em tempos de fragmentação*, Rocha (2021), destaca a respeito dela.

Na breve biografia que faz de Stein, Rocha (2021) resalta os seguintes pontos da vida especificamente intelectual de Edith Stein, da infância à vida madura, antes de sua morte pelo regime nazista e também no período que antecede a sua tese doutoral sobre o problema da Empatia: os livros faziam parte da vida de Stein desde a infância, na qual era considerada precoce no seu interesse por leituras, e ela destacava-se na escola; aos 20 anos de idade, ingressou na Universidade de Breslau, ambiente quase exclusivamente masculino, estudando ali Psicologia, História, Filosofia e gramática alemã. E mais:

(...) Interessava-se bastante pelas questões humanas, mas na universidade decepcionou-se com a forte tendência naturalística e experimental da época nos estudos em psicologia. Não encontrando, no positivismo e na Psicologia, uma resposta à sua sede de conhecimento sobre os problemas fundamentais do ser humano e sobre o destino da humanidade, voltou-se para a filosofia de Edmund Husserl, “grande mestre e futuro prêmio Nobel da Fenomenologia que, opondo-se ao idealismo kantiano, orienta seu interesse para o objeto” (ROCHA, 2021, p. 30).

Quando em 1913 Edith Stein mudou-se para Gotinga, cidade universitária no estado de Baixa Saxônia, junto ao Rio Leine na Alemanha, conversou pela primeira vez com Edmund Husserl, à época professor na Universidade de Gotinga. A fenomenologia a entusiasmava. Ela havia estudado as “Investigações Lógicas” de Husserl, convencida de que o trabalho por ele empreendido tinha um papel fundamental de clarificação e desse trabalho de clarificação ainda sentia falta na psicologia.

Nessa nova cidade, Stein participou de um grupo de estudos fenomenológicos em torno de Husserl, consolidando amizade e convívio também com Heidegger, Adolf Reinach, Max Scheler. Husserl aceitou orientar a tese de doutorado de Edith Stein sobre o problema da empatia e nesse momento ela inicia “um processo de grande esforço para construção pessoal do conhecimento e percebe que, em cada estudo, seria necessária uma elaboração pessoal, não apenas uma reprodução do que já existia” (ROCHA, 2021, p. 34).

Mas a finalização da tese doutoral de Stein teve de esperar o desenrolar de uma grande decisão: explodiu a I Guerra Mundial, e todos os sofrimentos dela decorrente levaram Edith Stein a fazer em 1915 um pedido para servir como voluntária na Cruz Vermelha alemã. Sobre esse ponto, vale ressaltar o que também Rocha (2021) destaca:

O que parecia ser uma ruptura em seus planos, foi decisivo para o melhor desenvolvimento de sua tese, sobre uma vivência intersubjetiva, a empatia. Durante esse período, vivenciou, de modo bastante próximo, o sofrimento e a dor humana, colocando sua vida a serviço daquele grande acontecimento mundial. (ROCHA, 2021, p. 36).

Enquanto construía a tese doutoral sobre a empatia, Stein perdeu companheiros e professores, e alternou o desenvolvimento do trabalho com as notícias que recebia, fazendo com que, dessa forma, a guerra fosse “(...) a situação, a condição na qual sua narrativa se faz” (ROCHA, 2021, p. 36).

A tese de Edith Stein, concluída apenas em 1916, recebeu o título *Zum Problem Einfühlung* (Sobre o problema da empatia); avaliada com nota máxima, ela se tornou a segunda mulher na Alemanha a ter um doutorado em filosofia.

3.1 Sobre o problema da empatia

Dos escritos autobiográficos de Edith Stein, há alguns que tratam especialmente de seu tempo na Universidade de Gotinga, de seus estudos fenomenológicos e da elaboração de sua tese sobre a empatia². Se na universidade de Breslávia seu foco havia sido a Psicologia, em Gotinga seu pensamento estava fortemente envolvido pelo caminho fenomenológico proposto por Husserl e pela Filosofia. Ela tomou a decisão de pedir a Husserl um tema de tese, o que o

² Trato aqui dos capítulos “Os anos de estudo em Gotinga”, “Serviço no Hospital Militar em Morávia” e “Encontros exteriores e decisões interiores”, assim dividido na obra Edith Stein: vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos da editora Paulus, ano de publicação 2018.

surpreendeu, pois muitos de seus alunos assistiam suas aulas durante anos de se lançar em um trabalho pessoal. Sobre isso escreveu a própria Edith Stein:

(...) No entanto, não me disse não. Limitou-se a expor à minha frente todas as dificuldades. Suas exigências para um trabalho de tese eram muito grandes, pois dizia que precisava de três anos. (...) Ele atribuía pessoalmente muita importância a que se fizesse também um trabalho em alguma ciência particular. Não bastava fazer somente Filosofia. Para ter bases sólidas, precisava-se também de um conhecimento aprofundado dos métodos das outras ciências. É verdade que isso perturbaria todos os meus projetos anteriores e fiquei algo aflita, mas não me deixei desorientar e estava prestes a aceitar todas as condições. (STEIN, 2018, posição 4532).

Husserl não apresentou empecilhos para que Edith Stein escolhesse um tema e logo começasse a trabalhar nele, e o trecho destacado na citação anterior mostra o comprometimento da autora com aquilo que decidiu-se por realizar.

A escolha do tema para tese, afirma em sua autobiografia, não lhe causou “nenhum embaraço”: tendo assistido aulas de curso um sobre “Natureza e espírito” ministradas pelo próprio Husserl, Stein havia se interessado pela afirmação do filósofo de que “um mundo exterior objetivo podia ser apreendido apenas intersubjetivamente, ou seja, por uma pluralidade de indivíduos que conhecem e que comunicam entre si” e que, para isso, “um pressuposto requerido era ter uma experiência de outros indivíduos” (STEIN, 2018, posição 7677). Essa experiência de outros, segundo Stein, era chamada por Husserl de empatia; porém, nos trabalhos do filósofo não havia nenhuma explicitação a respeito do que consistia a empatia e por isso ela desejava preencher essa lacuna, explorando, sob um olhar fenomenológico, a essência da empatia.

Ferreira (2018), em sua obra *Empathy: an intellectual history of Edith Stein 1891-1942 to Romain Rolland 1866-1994*³, dedica um capítulo inteiro de seu trabalho de mestrado para demonstrar que a empatia era de fato uma importante questão para a escola de filosofia alemã em Gotinga, e a chama, inclusive de “Preocupação de uma geração”. Salienta que a empatia para Edmund Husserl é parte essencial para *undertake the craft of the human sciences*⁴, incluindo filosofia e história, porque por meio desse fenômeno o cientista é capaz de acessar *the world of life*⁵: por meio da empatia, o ser humano adquire conhecimento, conhece o mundo, e é capaz de se relacionar com o outro.

Ao escrever sobre a empatia, visitando os problemas historicamente relacionados ao termo e à questão, Edith Stein se deparou com a necessidade de definir e pôr em evidência, para

³ Empatia: uma história intelectual de Edith Stein 1891-1942 a Romain Rolland 1866-1994, tradução livre nossa.

⁴ “Empreender o ofício das ciências humanas”, tradução livre minha.

⁵ “O mundo da vida”, tradução livre minha.

só então realizar uma investigação radical, o problema fundamental da empatia: para Stein, a base de toda a controvérsia sobre a empatia está em um pressuposto básico: nos são dados sujeitos alheios e suas vivências. O que seria esse “dar-se” dos outros, e esse “algo” que nos chega de outros, é o que ela busca compreender por meio de uma redução fenomenológica.

Parise (2018) assim resume a proposta da fenomenologia enquanto método: por meio dela, quer se chegar ao que “está na base, no fundamento, do fenômeno da empatia, colocando entre parênteses os elementos empíricos de sua manifestação fenomenal, que variam de indivíduo para indivíduo” (PARISE, 2018, p. 91). Nessa caminhada de avançar até a base, a ideia é que reste apenas o fenômeno da empatia em uma forma pura válida para todo e qualquer sujeito humano, “embora vivenciado de modo próprio por cada Eu, no âmbito de sua percepção interna e da reflexão” (PARISE, 2018, p. 91).

Barea (2015), por sua vez, ao abordar o entendimento que própria filósofa tinha em relação ao método fenomenológico, ressalta o seguinte trecho de sua obra:

O princípio mais elementar do método fenomenológico: fixar nossa atenção nas coisas mesmas. Não interrogar as teorias sobre as coisas, deixar fora enquanto possível o que se tenha ouvido e lido, e as composições de lugar com um mesmo se tem fato [sic], mas bem, acercar-se das coisas com um olhar livre de prejuízos e beber da intuição imediata [...]. Em efeito, o segundo princípio se dá assim: dirigir o olhar ao essencial. (STEIN, 2017, p. 33 *apud* BAREA, 2015, p. 40).

Para Edith Stein, a fenomenologia tem como proposta colocar, sobre uma base firme, “todos os procedimentos científicos e (...) as experiências pré-científicas do qual estas se fundam” e a filosofia converteria em objeto “tudo aquilo que os outros âmbitos se supõem como evidentes”.

O resultado final de todo trabalho de Edith Stein sobre a empatia foi tão extenso que ela solicitou permissão à Universidade de Gotinga para publicar apenas as partes II/IV, para diminuir os altos custos com impressão. Desta tese doutoral, foram considerados relevantes para o presente trabalho as questões que serão apresentadas resumidamente a seguir, fundamentadas no texto traduzido de seu trabalho bem como na dissertação de mestrado de Barea (2015) e no artigo de Parise (2018).

3.1.1 A essência da empatia

Em nota de rodapé ao artigo *Individualidade, Corporeidade e Percepção do Outro: Ato Empático em Edith Stein*, Parise (2018 explica que a palavra empatia, *Einfühlung*, em alemão,

tem origem no verbo alemão *fühlen*, cujo significado equivalente ao português seria “ter sentimentos” ou, ainda, sentir de modo reflexivo a partir do direcionamento da consciência a um objeto e identificando-se o que se sente, não apenas tendo sensações, palavra que recebe em alemão o termo (*empfinden*).

Ainda segundo a autora, *Einfühlung* também pode ser traduzida por entropatia (por implicar um sentir a partir de dentro), e a sua tradução em português como empatia deve claramente distingui-la e diferenciá-la de outros termos como simpatia e antipatia: “a empatia é a vivência do ser humano de captar o que o outro está sentindo (seu sentimento)” (PARISE, 2018, p. 79).

Também segundo Barea (2015), a palavra empatia em Edith Stein é utilizada para significar o ato de consciência que nos permite perceber a vivência do outro. Ele acrescenta que a empatia é possível fora do âmbito de relação humano x humano (por exemplo humano x animal ou planta), mas “só se realiza plenamente em relação intersubjetiva” e se dá como um ato de conhecimento *sui generis*⁶ (BAREA, 2015, p. 71).

Essa percepção da empatia como um ato *sui generis* é importante para Edith Stein também porque ela a distingue de outros atos de consciência pura, como por exemplo a recordação, a expectativa/esperança e a fantasia/imaginação. E dessa distinção chega a uma importante conclusão, na qual a empatia não pode ser confundida com uma ideação.

Uma vivência empática, a partir da concepção de Edith Stein, contrapõe-se ao ato de perceber algo fora de si, ainda que a nossa primeira tendência seja “identificar a percepção que temos da vida alheia com a percepção que fazemos das coisas externas” (PARISE, 2018, p. 85). Em parte, essa identificação é correta pois a empatia leva em consideração a dimensão da corporeidade alheia. No entanto, Parise (2018) ressalta:

O modo como captamos a vivência empática não se dá em uma relação direta com a observação das características físicas, tal como ocorre quando percebemos um objeto físico fora de nós. Isso ocorre porque já em um primeiro momento o Eu percebe que está frente a um Eu que tem sentimento próprio e não a uma coisa, e esses sentimentos comunicam algo. (PARISE, 2018, p 85).

Outro aspecto importante em relação à empatia para Edith Stein é que ela é *um ato cooriginário*. Em resumo e simplificação, a ideia de cooriginariedade tem haver com o

⁶ Conforme definição do Dicionário Online Priberam, *sui generis* é uma locução latina que significa “do seu gênero próprio”, ou seja, que não se acha noutro. Outras definições: original, particular, singular.

entendimento segundo o qual “a empatia é originária por seu conteúdo, mas os atos de consciência analisados são não-originários” (BAREA, 2015, p. 66).

Sobre isso, também Parise (2018) reforça que a essência capta o que provém da consciência alheia de modo não originário: “(...) não capto a vivência propriamente dita do outro, pois essa só pode ser experimentada de modo originário por ele mesmo, mas capto seu conteúdo” (PARISE, 2018, p. 86). Isso é importante justamente porque, por não se tratar de uma ideiação, a empatia de fato é capaz de captar o conteúdo de uma consciência alheia, permite aos seres humanos compreender atos de uma consciência alheia, mas de não de uma maneira que admita a possibilidade de um indivíduo entrar no interior de outro e ser capaz de viver originariamente as vivências dos outros:

Na empatia o conteúdo captado é o daquela vivência que o Eu identifica como pertencendo a outro eu. Como é possível apreender tal conteúdo, diante da impossibilidade de penetrarmos no interior de um Eu alheio? Esse conteúdo sempre aparece sob a forma de algo transcendente, fora do Eu, na forma de um objeto que pode ser compartilhado com os outros, revelando uma estrutura geral comum a todo o ser humano, ou ainda, revelando uma constituição comum a todos (PARISE, 2018, p. 88).

Para que a empatia seja possível, é preciso compreender ainda que ela não se dá somente com um corpo físico, mas também com um corpo próprio dotado de sensibilidade. Porque para Edith Stein “os seres humanos, relação de entendimento, não são apenas mônadas separada (...) esse outro tem uma vida que é diferente da minha, tem seus valores, sua história, carrega todas as suas vivências, de tal forma que não posso objetivá-lo a partir das vivências que se apresentam na minha relação empática” (BAREA, 2015, p. 47).

Reforçando a questão anterior, para Edith Stein o mundo em que vivemos não é somente um mundo de corpos físicos, e, além de vivermos no mundo a partir de nós mesmos, há também os outros sujeitos, com suas vivências, e nós somos capazes de saber da existência desse vivenciar que pertence a um outro que não nós: o ser humano é um indivíduo psicofísico que se distingue nitidamente de uma coisa física. Não sendo apenas um *corpo físico*, mas um *corpo vivo* consciente de que pertence a um eu (um eu que sente, pensa, padece, quer) e de que não é um corpo simplesmente incorporado a esse mundo de fenômenos, é, antes, um corpo vivo *em* relação ao mundo; está de frente a ele e em relação com ele.

O corpo próprio de cada um é como um ponto zero de orientação nessa relação. Experimentamos e pensamos todo o restante do mundo a partir desse ponto zero, que é o nosso corpo próprio. Diante dos outros, que reconhecemos como semelhantes, identificamos pela empatia que chegamos a frente de uma possibilidade de um outro ponto zero de orientação -

não para mim, mas para o outro, que não é como um objeto ou coisa qualquer. Esse corpo alheio tem, como o nosso, um movimento próprio, que se diferencia de todos os outros corpos que também se movimentam.

O ato de empatizar a vivência alheia descobre um sujeito que não é estático como uma pedra. No ato de empatia, descobrimos o ser em sua liberdade e passividade do movimento próprio, que percebemos de forma não-originária. (BAREA, 2015, p. 53).

Nessa percepção da singularidade, e do que é próprio da vivência de um eu e de um eu alheio, nota-se no trabalho de Edith Stein a preocupação ainda em compreender a captação dos sentimentos do outro em uma distinção entre duas dimensões desses sentimentos - aqueles que seriam psíquicos e aqueles que seriam físico-corporais⁷.

O que é importante é saber que o corpo próprio é capaz de expressar os sentimentos do seu estado vivencial, revelando significados das singularidades de cada pessoa. E que os fenômenos da expressão corporal, para Stein, podem possuir a característica de carregar um sentimento motivado por atos de vontade. E a empatia nos ajuda a descobrir “os motivos que levam a desenvolver tais sentimentos” (BAREA, 2015, p. 56).

(...) O fenômeno da exterioridade pressupõe a consideração do ser humano em sua singularidade, e entender como a pessoa se expressa só é possível se nos identificamos com essa mesma estrutura, que dá a possibilidade de exteriorizar e mostrar em guisa de percepção para os outros. (BAREA, 2015, p. **)

Quando nos colocamos à frente de uma pessoa, esta não pode ser diminuída a um estado objetivo, aponta-nos Barea (2015), e é a reflexão fenomenológica steiniana que procura demonstrar que é a empatia que nos fornece o caminho com maior luminosidade na percepção das coisas: “somente pela empatia chego até a essência do sentimento da vivência alheia que se apresenta diante de mim, pois não são somente os traços físicos que dão significado ao sentimento de uma pessoa” (BAREA, 2015, p. 62).

3.1.2 Graus da empatia

Edith Stein considera que existem pelo menos três graus ou momentos para que o ato empático seja completo - e a partir dessa consideração se entende também que podemos ser

⁷ Apesar das duas dimensões, Stein aponta que a ideia não é pensar em um processo que separa essas duas dimensões na vivência de eu, pois não quer dizer que elas sejam desenvolvidas no corpo próprio de maneira paralela.

empáticos de maneira “incompleta”, sem concretizar todos os graus. Barea (2015) apresenta os três graus sugeridos pela autora da seguinte forma: o primeiro grau trataria de uma emersão do vivido; o segundo grau de uma explicação completa dessa vivência; e o terceiro grau de uma objetivação compreensiva do vivido (vivência) explicado.

No primeiro grau, a vivência alheia emerge diante do Eu; no segundo, é atualizada a vivência no momento pelo qual “se chega à conclusão desta tendência de estar envolvido no estado de espírito do outro” (BAREA, 2015, p. 73); no terceiro grau, a vivência volta para o Eu que empatiza “como um objeto correlativo da consciência” (BAREA, 2015, p. 73).

Sobre esses três graus ou momentos “da estrutura” do ato empático, também explica Parise (2018):

1) No primeiro momento do ato empático apreendo a vivência de outrem por alguns sinais, do mesmo modo que percebo um objeto externo a mim. (...) Nesse primeiro grau do ato empático, dá-se a “aparição da vivência alheia” (*das Auftauchen des Erlebnisses* [sic]), que pode parar aí ou progredir para outro grau; 2) À medida que procuro apreender de modo mais claro o estado de ânimo daquele Eu, a vivência deixa de estar para mim como um objeto, pois ela é transferida para o meu interior, enquanto sujeito. Esse segundo momento pode ser definido como “explicação preenchedora” (*die erfüllende Explikation*) (...); 3) Pode-se acrescentar ainda um terceiro grau do ato empático, quando eu, tendo conseguido abarcar o sentido de tal vivência, passo a ter uma “objetivação compreensiva da vivência explicitada” (*die zusammenfassende Vergegenständlichung des explizierten Erlebnisses*) e ela se torna mais uma vez um objeto para mim: compreendo, sei e experimento o que o outro está vivendo, mas não da mesma forma que ele o vive, pois apenas compreendo o conteúdo daquilo que se vive. (PARISE, 2018, p. 89)

Para Barea (2015), essa caracterização demonstra que a empatia está sempre presente nas experiências do dia-a-dia, por se tratarem de experiências pessoais que nos impulsionam a estar sempre dando conta da vida alheia, e por isso “é preciso sempre estar atento às experiências que se apresentam a mim, de tal modo, que eu possa perceber a vivência do outro, como se fosse própria, e somente a partir desta percepção, desencadear uma ação” (BAREA, 2015, p. 74).

3.2 Condições para efetivação da empatia: a linguagem como fundamental para elaboração mais aprofundada dos atos de empatia

Para que se efetive a empatia, Barea (2015) ressalta que para Stein são necessárias algumas condições. Uma delas é que deve haver unidade entre movimentos percebidos

internamente, externamente e em *carne ed ossa*⁸. Também a livre fantasia deve cumprir com o papel de ajudar a sair da esfera própria, mas tendo como referência apenas a vivência do alheio, a qual executo como se fosse meu. E, por fim, a possibilidade de “externar a vivência do outro como se fosse minha” (BAREA, 2015, p. 79).

Mesmo com todos esses elementos, há a possibilidade ainda de que não cheguemos ao modo “genuíno de empatia”. E quais poderiam ser outros pontos de apoio?

Barea (2015) aponta, em primeiro lugar, a dimensão da linguística:

Pela linguagem, podemos confirmar se o que foi empatizado da vivência do outro é verdadeiro, questionando a própria pessoa empatizada. Por exemplo, executo o ato de empatia na relação com alguém que demonstra (aparência externa) estar triste porque teve uma briga no relacionamento; chego até a pessoa e percebo sua tristeza, e na medida em que vou conversando com ele, sinto que ele/a realmente amava seu/a parceira/a, aspectos fornecidos pelo tom e pelo conteúdo de sua linguagem. (BAREA, 2015, p. 80).

Ao falar, uma pessoa confere sentido ao fenômeno que se apresenta. É a essa conclusão que se chega pelo papel da linguagem enquanto possibilitador para aprofundar os atos de empatia.

Outro apoio para aprofundamento dos atos de empatia reside no caráter. A percepção de um caráter depende de uma sequência de comportamentos sucessivos nas experiências que o outro apresenta. Ao percebemos no outro determinada qualidade, obtemos a cada percepção uma outra, mais global, segundo a qual notamos que cada pessoa tem traços característicos de personalidade. Esses traços podem ser herdados de uma família, comunidade, etnia, ambiente, etc.

3.3 Implicações/consequências da empatia na vida do ser: conclusões

Uma vez compreendidos os aspectos fundamentais sobre a empatia, é importante ressaltar, então, qual a importância dela para as pessoas.

Um dos pontos levantados por Barea (2015) sobre a importância da empatia é que, sem ela, ficaríamos indiferentes a tudo o que acontece na humanidade. Ao mesmo tempo, empatizar não nos obriga a perder o que nos é próprio pelo que é do outro. Ele reforça esse aspecto citando Alfieri (2014), autor da obra *Pessoa Humana e Singularidade em Edith Stein*, que atribui a

⁸ Carne e osso.

Edith Stein a possibilidade de entender que nossa singularidade “não pode ser tocada por ninguém; mesmo nas situações mais adversas, podemos ser sempre nós mesmos.

Se nos deixamos influenciar pelo ambiente externo, por força da nossa condição social ou por outra razão qualquer, e se vimos a definhar, a responsabilidade por esse esmorecimento não está inteiramente do lado do que está fora de nós (o Estado, a Sociedade, a política); nós também somos responsáveis, pois podemos ceder às investidas externas, desligando-nos de nosso fundamento interior. (APUD Alfieri, p. 73, 74)

Segundo Barea (2015), na concepção de Edith Stein a empatia também se torna elemento fundamental para que tomemos decisões e atuemos pelo estímulo ou retração da nossa vontade.

Isso acontece quando a minha vontade está relacionada com as vivências do outro ou a ação que vou desenvolver deixará respingos no ser do outro e se quero preservar a comum humanidade do seu ser singular, retraio a minha vontade.

À empatia também se atribui o valor de garantir a um Eu a noção de si e do outro com maior clareza, sendo a própria singularidade ressaltada pela alteridade do outro. O sujeito empático se constituiria, portanto, com os outros, “que dão base e reconhecimento da comum humanidade e do ser indivíduo singular” (BAREA, 2015, p. 92).

Dentro dessas colaborações de uma “intersubjetividade humana”, Parise (2018) também ressalta:

1) Somos capazes de apreender o conteúdo de vivências alheias, e isso estabelece a possibilidade da comunicação, onde dois sujeitos podem reconhecer que falam sobre a mesma coisa; essa constatação nos leva a conceber uma estrutura geral comum a todo ser humano; 2) Essa apreensão da vivência do outro é sempre cooriginária (...) no permite sustentar a individualidade de cada ser humano, o seu modo próprio, único e irrepitível, de vivenciar o que percebe, sente, pensa, age etc. (PARISE, 2018, p. 88)

Parise (2018) reforça a importância da empatia, enquanto capacidade de preencher empaticamente a vivência de um Eu alheio por reconhecer que possui uma estrutura semelhante comum com os outros Eus, afirmando que, “se não tivéssemos a consciência dessa estrutura comum, com elementos particulares a cada indivíduo (...) apenas apreenderíamos suas vivências sob a forma de uma ‘representação’ vazia” (PARISE, 2018, p. 112). Além disso, sem a empatia não conceberíamos o outro como semelhante, mas como idêntico, e isso nos impossibilitaria apreender a nós mesmos e aos outros como indivíduo psicofísico, com características individuais próprias.

A empatia ainda nos permite a apreensão de um mundo real, existente, “o mesmo mundo que é meu, mas apreendido de modo diverso” (PARISE, 2018, p. 114), diferente da fantasia. Também é possível perceber, por meio da empatia, as “influências psíquicas que alguém pode sofrer e os efeitos da ação de um indivíduo sobre a natureza física” (PARISE, 2018, p. 117).

Ao aprendermos atos empáticos como parte do caráter de um eu, isso nos possibilita valorar atos futuros relacionados ao indivíduo empatizado, ainda. Ao tratar desse aspecto, Parise (2018) cita o seguinte trecho da tese doutoral de Edith Stein:

Isso quer dizer que nós nos vemos do modo como vemos o outro, e como o outro nos vê. A atitude ingênua original do sujeito é ser absorvido pelo seu vivenciar sem torná-lo objeto. Nós amamos e odiamos, queremos e atuamos, nos alegramos e nos entristecemos e expressamos tudo isso, e em certo sentido consciente para nós, sem sermos apreendidos, sem nos tornarmos objetos [...]. Fazemos tudo isso quando se trata da vida psíquica alheia que desde o início está diante de nossos olhos como objeto, em virtude do fato dela estar conectada a um corpo percebido [*wahrgenommenem Körper*].

Tudo isso considerado, podemos perceber porque Barea (2015) afirma que a vivência da empatia “ajuda no desenvolvimento pessoal, que perpassa tanto o ponto de vista corporal, quanto psíquico, e o desenvolvimento da dimensão espiritual” (BAREA, 2015, p. 88) e que “agir empaticamente ajuda a perceber as dores do mundo” (BAREA, 2015, p. 105).

4 LITERATURA E EMPATIA PARA A EDUCAÇÃO

Na seção anterior, foram abordados o significado e as consequências da empatia na vida do ser humano, a partir da compreensão fenomenológica de Edith Stein. Na presente seção, se pretende apresentar uma relação entre a empatia e a literatura, e essa relação pensada no contexto educacional. Para observar esses aspectos, escolhi, para esta seção as obras: *Letramento literário: teoria e prática* e *Paradigmas do Ensino de Literatura*, ambos de Rildo Cosson; *O Direito à Literatura*, de Antonio Candido; e ainda o texto de uma coletânea de C. S. Lewis, chamado “*Por que lemos?*”.

Com exceção do texto de C. S. Lewis, e em certa medida também o texto de Antonio Candido, todos são voltados a “entender a literatura” no contexto de se preparar uma obra focada no ensino da literatura, e por isso foram escolhidos.

Nesta seção também apresento brevemente alguns estudos que se dedicaram a explorar a relação entre empatia e literatura, destacando as principais conclusões desses trabalhos, por meio do estudo realizado por Hemkemeier (2020).

4.1 Empatia na função humanizadora da Literatura e em concepções sobre a Literatura

Em *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2009) nos apresenta a literatura como “plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2009, p. 16), e na qual somos capazes de encontrar o “senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2009, p. 17), “dizendo” a nós o que somos e incentivando a desejar e expressar o mundo por nós mesmos, como uma experiência a ser realizada.

[A Literatura] é mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2009, p. 17).

É significativo que logo nos pressupostos da obra que pretende enfrentar “situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola” (COSSON, 2009, p. 11), ao tratar da relação *Literatura e o mundo*, o autor apresenta um capítulo que explora precisamente o que se busca observar na literatura: sua relação com a empatia, e de forma especial no conceito trabalhado por Stein, na medida em que menciona a possibilidade de captarmos a vivência de outros e continuarmos a ser nós mesmos.

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. **Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos** (COSSON, 2009, grifo meu, p. 17).

Para Cosson (2009), esse aspecto da Literatura trata de ser uma função maior, uma função humanizadora, que torna o mundo compreensível e precisa manter um lugar especial nas escolas.

Ao escrever *Paradigmas do Ensino da Literatura*, Cosson (2020) também apresenta inúmeras concepções sobre a literatura, nos mais diversos paradigmas que compõem o histórico do ensino literário. Ao tratar do paradigma social identitário, ele torna a mencionar a percepção da Literatura enquanto meio de humanização, mencionando expressamente uma relação da literatura com favorecimento de empatia (no caso, social):

(...) a literatura também é considerada um meio de humanização dos leitores, sobretudo aqueles em processo de formação. A leitura de representações sociais e expressões identitárias positivas presentes nas obras literárias favorece a empatia social, que é compreendida como uma competência essencial para a construção de uma sociedade plural e democrática.

(...) Em uma espécie de ressignificação da catarse aristotélica, a obra literária, ao representar positivamente diversas identidades culturais, permite que o leitor se identifique emocionalmente com pessoas diferentes dele e, com isso, as reconheça como iguais na sua cota de humanidade, conforme a leitura hoje dominante e um tanto redutora que se faz do texto de Antonio Candido, “O direito à literatura” (COSSON, 2020, p. 103).

Apesar das críticas que o autor faz desse tipo de visão sobre a literatura, especialmente quando a condiciona simplesmente quanto a uma valorização excessivamente política, excluindo aspectos estéticos e de manifestação artística, vale destacar esse tipo de reconhecimento. E igualmente a crítica que o autor faz, destacando que, longe de reduzi-la a um produto cultural entre outros, é necessário percebê-la enquanto espaço singular e influente na representação social e expressão de identidades (COSSON, 2020, p. 104).

Ao tratar, por fim, do paradigma de Letramento Literário, o autor ressalta que o letramento literário é um processo de apropriação por meio do qual “fazemos uma coisa externa se tornar interna a nós mesmos, que nos permite tornar próprio o que é alheio” (COSSON, 2020, p. 172). Ao longo da primeira seção deste trabalho, discorreremos como se pode atribuir, à empatia, a capacidade de possibilitar esse tipo de movimento.

A literatura ainda, para Cosson, dentro da concepção de letramento literário, deve ser concebida também como uma linguagem, e linguagem que “se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizados nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos” (COSSON, 2020, p. 177). Para Cosson, “o leitor é um sujeito que no ato da leitura traz para o texto seus conhecimentos, seus sentimentos, suas emoções, suas experiências de vida” (COSSON, 2020, p. 178).

O valor da literatura reside justamente nessa experiência que autores e leitores vivenciam ao manusear a linguagem literária. Por ser única, pessoal e intransferível, por ser uma experiência singular de linguagem, por ser uma construção simbólica feita somente de palavras, a experiência literária é extremamente libertária e humanizadora. (...) Por meio dela podemos assumir o lugar do outro sem deixar de ser nós mesmos (...), significamos e ressignificamos nossa vida e nosso mundo em outras tantas vidas e mundos. (COSSON, 2020, p. 179)

Partindo dessa compreensão, a perspectiva do letramento literário objetiva desenvolver a competência da linguagem de tal maneira que valorize, aprimore, torne consistente e consolide cada vez mais essa experiência literária, que se traduz como experiência do alheio.

4.2 Outros estudos acerca da relação empatia, literatura e educação

Heimkemeier (2020), ao escrever seu trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina, se dedicou a observar “as experiências do cultivo da leitura na formação da personalidade, no amadurecimento da inteligência emocional e na melhoria da capacidade de resolver conflitos” a partir de exemplos ficcionais. Ainda assim, para fundamentar sua análise, ela se preocupou em utilizar ao menos algum estudo focado no desenvolvimento do ser humano real e sua capacidade emocional.

No capítulo “Me diga e eu esqueço, me ensine e eu lembro, me envolva e eu aprendo”, Heimkemeier (2020) se dedica a apresentar a experiência do cultivo da leitura como meio inovador de desenvolvimento da empatia, e cita Gallian (2017)⁹, o qual reforça que a literatura, por muito tempo, foi considerada fundamental à formação do ser humano.

Heimkemeier (2020) também menciona as conclusões de Jagger (1995) sobre o impacto das obras de Homero enquanto exemplo de personalidade a ser seguido, pela jornada do herói na qual se exaltava sua valentia, coragem, temor aos deuses, etc. Nesse sentido, ressalta o papel da leitura e narração para “moldar o homem”, por meio do exemplo que serve como guia.

Um dos grandes equívocos da educação em literatura também é apontado por Heimkemeier ao levantar o pensamento de Todorov, segundo o qual o que acontece nas aulas de literatura muitas vezes é a substituição de um foco no *fim* para um foco somente nos *meios* da literatura:

“Para Todorov (2009) isso pode dificultar o gosto pela leitura, pois o leitor lê determinado livro para conhecer e entender o mundo, a si mesmo e aos outros, ao passo que a teoria literária e os críticos roubam essa experiência, tornando-a técnica e meramente informativa. (HEINKEMEIER, 2020, p. 21).

Com essa reflexão, o objetivo não é condenar o ensino do que se considera “meios” da literatura, mas questionar uma educação que não aproxime o aluno da experiência literária em si. Mesmo porque, como veremos a seguir ao analisar o entendimento de Antonio Candido sobre a literatura, “o meio” próprio da literatura tem seu valor essencial.

⁹ Dante Gallian escreveu a obra “A literatura como remédio. Os clássicos e a saúde da alma”, publicada pela editora Martin Claret em 2017.

Antes de finalizar o capítulo relacionando especificamente a literatura à empatia, a autora apresenta ainda as conclusões de Oatley (2016), que ao explorar a relação que criamos com os personagens fictícios podem de fato promover um entendimento da emoção de outros.

Ao retomarmos a compreensão da literatura enquanto meio inovador de desenvolvimento da empatia, cabe salientar o que revela Candido (2011), em *O Direito à Literatura*¹⁰. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que o autor afirma que a literatura enquanto direito universal deve ser satisfeita, “sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (CANDIDO, 2011, p. 188).

Para chegar a essa conclusão, ele analisa a literatura enquanto estrutura distinguível em três faces: uma na qual se observa a literatura enquanto “construção de objetos autônomos como estrutura e significado”; outra como forma de expressão, manifestando emoções e visões de mundo de indivíduos e grupos; e por fim como forma de conhecimento, “inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. É significativa, em especial, as considerações que ele faz acerca da inseparabilidade do código e da mensagem:

As palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. (...) Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. (...) Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido. (CANDIDO, 2011, p. 180)

Nesse sentido, se há algo de inovador na forma como a literatura pode possibilitar o desenvolvimento da empatia, vale destacar a possibilidade de que isso seja relacionado, também, com a forma de ser da literatura também enquanto ato de linguagem.

4.3 Uma nota ao texto “Por que lemos?” de C. S. Lewis

Clives Staples Lewis (1898 - 1963) foi um relevante escritor, professor e crítico literário irlandês. Durante muito tempo, lecionou na Universidade de Oxford, e, como aponta Oliveira e Oliveira (2016) no artigo *A importante da literatura imaginária no processo de aprendizagem: uma análise em C. S. Lewis*¹¹, foi um forte defensor da literatura imaginária na

¹⁰ O texto original é de 1988.

¹¹ Obra publicada na terceira edição do Congresso Nacional de Educação (III Conedu).

educação, “argumentando que a mesma é de excepcional importância para o desenvolvimento do ser humano em diversos aspectos

Ao escrever *Um experimento em crítica literária*, C. S. Lewis escreveu um epílogo posteriormente selecionado e separado em uma coletânea da editora Thomas Nelson Brasil chamada “Como cultivar uma vida de leitura”.

Nessa coletânea, o epílogo “Por que lemos?” é o primeiro texto escolhido pelos editores para compor a sequência de textos que são apresentados na edição. E as semelhanças do que ele escreve com o que se pontua sobre a empatia em Edith Stein podem ser observadas ao se comparar os dois textos.

Ao começar “Por que lemos”, Lewis (2020) introduz brevemente sua percepção sobre a visão particular de cada ser humano, normalmente “saturada de si mesma”, e que, sobrecarregados de nossas próprias perspectivas, acabamos por “exigir janelas” - no sentido de novas perspectivas, que mesmo pela fantasia não conseguimos desvencilhar de nós mesmos se elas partem de nossas próprias mentes. Para ele, a literatura enquanto *logos* seria então essa série de janelas ou mesmo portas pelas quais poderíamos acessar outras perspectivas.

Tanto quanto consigo entender, esse é o valor ou benefício específico da literatura considerada como *logos*. Ela nos permite ter experiências que não são nossas próprias experiências também não têm. (...) Aqueles dentre nós que têm sido verdadeiros leitores durante toda a vida raramente compreendem de maneira plena a enorme extensão do nosso ser da qual somos devedores aos escritores. (...) A experiência literária cura a ferida da individualidade sem diminuir o seu privilégio. (LEWIS, 2020, p. 19 e 20)

Pelo trecho exposto anteriormente, é possível observar as semelhanças entre o que Edith Stein atribuiu à empatia e à experiência do escritor e leitor C. S. Lewis com a literatura, especialmente no que diz respeito a viver o que é próprio de um Eu alheio, e o quanto essa viver o outro não é um processo que anula aquele que lê - antes, “cura a ferida da individualidade sem diminuir o seu privilégio”. O autor também afirma, ao longo do epílogo: “(...) ao ler a grande literatura, eu me torno mil homens e, mesmo assim, continuo a ser eu mesmo” (LEWIS, 2020, p. 20).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever esse trabalho, o intuito era mostrar indícios de que a literatura é caminho de empatia - e que, quando se ensina literatura, isso não deve ser esquecido, mas explorado. Por isso, quis se apresentar a concepção de Empatia segundo Edith Stein, porque ela concebe a

empatia como um ato que nos possibilita alcançar o conteúdo de uma vivência alheia e nos permite nos reconhecer enquanto um Eu próprio diante de outro Eu - e nos afirma que somos capazes de vivenciar o conteúdo de uma experiência alheia, ainda que não de maneira originária, e nunca da mesma maneira que a pessoa a qual empatizamos vivencia.

Apresentar a empatia na perspectiva de Edith Stein capacita a um entendimento mais profundo do ato empático em si.

Além disso, a empatia na perspectiva de Edith Stein é constituidora do ser humano e o auxilia a se formar enquanto ser no momento em que reconhece o outro como ser distinto. Ela também pode ser efetivada em diferentes graus e a linguagem é possivelmente um dos melhores caminhos para esclarecimento da captação experiência do alheio possibilitada pela empatia.

Há, também, indícios de que a literatura favorece a empatia. Isso foi possível observar a partir de autores ocupados em refletir e propor caminhos para o ensino da literatura, pois apresentam conclusões sobre a literatura que se assemelham ao que se entende por característica da empatia.

Daí a conclusão de se propor que a literatura também seja explorada no sentido de abrir as portas, ao sujeito, da plenitude de um ato empático, e de forma inovadora, própria da literatura. Ao explorar o ensino da literatura por esse aspecto, se tem em vista possibilitar ao estudante e leitor literário aquela característica humanizadora própria da empatia.

Um exemplo é explorar a relação entre a leitura literária e as relações com o outro, aprimoradas pela empatia. Em uma publicação que observei nas redes sociais, já enquanto escrevia esse trabalho, um rapaz respondia à seguinte pergunta de um seguidor: “Por qual livro sugere começar a literatura russa?”

O primeiro livro que li de literatura russa foi o Notas do Subsolo do Dostoiévski quando tinha uns 17 anos. Lembro de ler o livro e constatar que o personagem vivia um drama imaginário muito parecido com uma pessoa que eu conhecia. Foi a primeira vez que percebi um paralelo entre a literatura e a vida. O livro me deu instrumentos pra entender melhor aquela pessoa e conviver com ela mais harmonicamente. Não te respondi, mas fica aí meu testemunho¹².

Não apenas no aspecto intersubjetivo, como se mostrou no trabalho, também há indícios de que se possa explorar a leitura literária também para aprimorar o sujeito que lê em seu próprio ser, como aponta outro trecho da obra Letramento Literário, do Cosson:

¹² Optou-se por omitir o nome do autor da resposta, embora divulgado em perfil de rede social aberto ao público, para preservar a identidade dele.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentido entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

Para encerrar essa conclusão, recorro ainda trecho dos escritos autobiográficos de Edith Stein, em que ela própria confessa que, lendo Homero, e ao ver “como Heitor manda sua esposa de volta para casa e para o trabalho após ter-lhe dito adeus para sempre, a ela e a seu filho pequena”, enchia-se de admiração. Essa admiração, parece sugerir, deu forças a ela para que, durante a primeira guerra, e nos intensos trabalhos como enfermeira, procurasse sempre e deliberadamente fazer calmamente o seu trabalho.

Muitos caminhos de investigação podem ser abertos a partir do presente estudo: como concretizar um ensino empático por meio da literatura? Quais características favorecem o desenvolvimento da empatia nos textos literários? Quais os reais impactos da leitura e a possibilidade de viver a experiência de um outro? E muitas outras questões e aplicações podem surgir a partir do que se apresentou aqui, para o desenvolvimento de um ensino mais consciente do objeto com que lida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. Santa Maria, Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2015. Dissertação de mestrado (mestrado em Filosofia).

Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9149/BAREA%2C%20RUDIMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30 de jan.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In:_____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: 2. ed. Contexto, 2009. _____ . **Paradigmas do ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, Danilo Souza. *From the Empathy of the human person to the modern state. In: EMPATHY: An intellectual history of Edith Stein 1891-1942 to Romain Rolland 1866-1944.* Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2018. Dissertação de mestrado. Ouro Preto, 2018.

LEWIS, C. S. Por que lemos? In: _____. **Como cultivar uma vida de leitura.** 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

HEMKEMEIER, Stefani. **“Ler pode salvar sua vida”**: literatura e inteligência emocional na série Anne With An E. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2020. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Letras – Língua Portuguesa). Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16261/1/TCC-Letras-2020-Stefani-Hemkemeier.pdf>>. Acesso em: 30 de jan.

OLIVEIRA, Nathan Dalmeida Alves de. *et al.* **A importância da literatura imaginária no processo de aprendizagem: uma análise em C.S.Lewis.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), III. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19878>>. Acesso em: 30 de jan.

PARISE, Maria Cecilia Isatto. Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein. In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. (Org.). **A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein.** 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2018, v. 1, p. 79-129.

ROCHA, Magna Celi Mendes da Rocha. **Edith Stein para educadores**: formação integral em tempos de fragmentação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2018.